
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BIANCA FERREIRA

**O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO
PELA LITERATURA**



Rio Claro
2019

Bianca Ferreira

O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO PELA LITERATURA

Orientadora: Prof^a Dra. Débora Cristina Fonseca

Co-orientadora: Prof^a Dra. Carolina Gonçalves Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciada em pedagogia.

Rio Claro
2019

F383d Ferreira, Bianca
O desenvolvimento da imaginação pela literatura / Bianca
Ferreira. -- Rio Claro, 2019
31 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de
Biociências, Rio Claro
Orientadora: Débora Cristina Fonseca
Coorientadora: Carolina Gonçalves Souza

1. Imaginação. 2. Literatura. 3. Desenvolvimento. 4.
Literatura infantil. 5. Crianças. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por estar sempre comigo, me fazendo acreditar que é possível e me dando forças a todo o momento para não desistir dessa longa caminhada e também pelas maravilhosas oportunidades que tem colocado em minha vida desde o dia do resultado final do vestibular.

Agradeço também a minha orientadora e coorientadora, que aceitaram meu desesperado pedido de orientação desde o início do projeto deste trabalho e por atenderem minhas solicitações quando necessário.

Aos meus pais, por sempre me apoiarem e compreenderem as dificuldades pelas quais passei ao longo desses quatro anos de estudo e por me proporcionarem condições de estar aqui. Também aos meus familiares que sempre me apoiaram e me ajudaram quando necessário.

Ao meu namorado, que esteve ao meu lado me dando forças, incentivo e me ajudando a todo o momento ao longo da realização desse trabalho final. Aos meus amigos, da sala de aula e da vida, sempre mostrando preocupação e atendendo aos meus pedidos de recomendações quando necessário.

Enfim, a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

“Não existe triunfo sem perda, não há vitória sem sofrimento, não há liberdade sem sacrifício.”

-J.R.R. Tolkien

RESUMO

Este estudo buscou identificar e analisar, na produção científica a importância da literatura em sala de aula, bem como em casa, para o desenvolvimento da imaginação das crianças em geral. Esta pesquisa tem caráter qualitativo, os materiais selecionados compreendem o período de 2001 à 2018 e foram através de pesquisas na base de dados SciELO. Os livros aqui utilizados foram selecionados a partir de trabalhos de conclusão de curso que apresentam temática parecida com o estudo em questão. Para compreender a importância da literatura no desenvolvimento da imaginação da criança, é necessário em um primeiro momento conhecer um pouco da história da literatura infantil, nos ater ao papel do professor como mediador desse processo do desenvolvimento, compreender o lugar que a literatura tem ocupado em sala de aula, bem como sua importância para a criança, a importância dos livros que apresentam apenas imagens e a breve compreensão do processo de imaginação. Faz-se necessário também trazer a compreensão de que a fantasia não se dissocia da vida real, ela faz parte do processo de compreensão da realidade - na qual a criança esta inserida - pelo qual ela passa em seus diferentes estágios de desenvolvimento, e que partir da imaginação é que são desenvolvidas diversas outras áreas de sua vida. Através desse estudo foi possível compreender a grande importância do professor durante todo o processo de desenvolvimento das crianças, bem como a relação estabelecida entre criança, história e imaginação.

Palavras-chaves: imaginação, literatura, desenvolvimento, literatura infantil, crianças.

ABSTRACT

This study sought to identify and analyze, in the scientific production, the importance of literature in the classroom, as well as at home, for the development of the imagination of children in general. This research has a qualitative character, the selected materials cover the period from 2001 to 2018 and were selected through searches in the SciELO database. The books used here were selected based on end-of-course studies that present a similar theme to the study in question. To understand the importance of literature in the development of the child's imagination, it is necessary at first to know a little of the history of children's literature, to stick to the role of the teacher as mediator of this development process, to understand the place that literature has occupied in the classroom, as well as its importance for the child, the importance of books that present only images and the brief understanding of the process of imagination. It is also necessary to bring the understanding that fantasy is not dissociated from real life, it is part of the process of understanding reality - in which the child is inserted - through which it passes in its different stages of development, and that from the imagination is that several other areas of its life are developed. Through this study it was possible to understand the great importance of the teacher during the whole process of development of children, as well as the relationship established between child, history and imagination.

Key-Words: Imagination, literature, development, children's literature, children.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. SOBRE A LITERATURA INFANTIL	10
2.1 A importância da literatura para a criança.....	11
2.2 Os livros de imagem	13
2.3. O papel do professor na contação de histórias	15
2.4 Os contos de fadas	18
3. SOBRE A IMAGINAÇÃO	20
4. O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO PELA LITERATURA	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

A literatura vem conquistando um grande espaço nas salas de aula atualmente. Mesmo assim, presume-se, inicialmente, que ela ainda é pouco valorizada pelos profissionais da educação que não se identificam com o trabalho, ou que não tiveram formação em literatura ou ainda que a relegam como atividade do final do dia na sala de aula, para simplesmente preencher um espaço de tempo entre o término de uma lição e a saída. Por isso, faz-se necessário um levantamento bibliográfico, para compreender o lugar desta literatura na escola e para o desenvolvimento das crianças.

Parece-nos, inicialmente, que a grande maioria dos artigos relacionados à literatura para crianças está relacionada com a habilidade de leitura e escrita que esta desenvolve. Há que se confirmar (ou não) se há poucos autores que tratam sobre a influência da mesma na imaginação e criatividade.

Faz-se necessário a esse desenvolvimento, textos de qualidade, os quais permitam que as crianças sintam grandes emoções, tenham grandes imaginações e fantasias. Se oferecermos livros pobres em linguagem e imagens às crianças, isto é, livros que não apresentem palavras novas e diferentes das que utilizamos no cotidiano, que utilizem imagens muito detalhadas e que ilustrem exatamente o que o texto diz, a imaginação será muito limitada. Ao contrário, se apresentamos livros ricos em informações e linguagem (acessíveis às crianças), a imaginação irá além do esperado, criará muito mais do que se pode prever e ainda encontrará soluções diversificadas para a resolução de problemas e conflitos. Cabe ao professor a difícil tarefa de escolher muito bem os livros que levará para sala de aula, que apresentará as crianças, por isso é sempre necessário que o professor faça a leitura do livro antes mesmo de levá-lo para a aula.

É claro que para esse desenvolvimento não basta apenas a leitura de diferentes obras, mas também um incentivo por parte dos adultos que estão com as crianças no dia a dia, por isso vamos discutir mais à frente a necessidade de um adulto mediador que ao contar as histórias valorize a imaginação e expresse-se de maneira a permitir que as crianças criem um mundo, uma visão de mundo secundária ao mundo real, na qual tudo é possível, pois, a narrativa desperta em cada criança uma visão diferente.

Neste contexto, os objetivos desse estudo foram os de investigar a importância da literatura no desenvolvimento da imaginação de crianças de 2 a 5 anos; compreender a importância dos livros que apresentam somente imagens; analisar o papel do professor durante a contação de histórias e discutir o lugar da literatura na escola.

O levantamento de informações foi realizado mediante pesquisa bibliográfica, na base de dados SciELO com os descritores imaginação, literatura e crianças. Os artigos selecionados datam um período de dezoito anos (2001 a 2018), porém, apenas dois artigos encontrados foram relevantes para a pesquisa, visto que os demais tratavam de temas opostos ao aqui apresentado. A escolha por essa base de dados se deu por conta do contato anterior com ela, nas aulas de pesquisa. Para tratar sobre o processo de imaginação, este trabalho foi realizado com aportes de Vigotsky, através de livro e tese que trazem seus estudos sobre a imaginação.

Os livros que tratam sobre literatura e imaginação foram selecionados através de referências utilizadas em outros trabalhos de conclusão de curso e teses de doutorados que tratavam do mesmo assunto. A abordagem utilizada no trabalho é qualitativa.

Os textos analisados foram selecionados de acordo com o tema do trabalho, o desenvolvimento da imaginação pela literatura. Foram realizados fichamentos de cada texto e destaque de partes convenientes.

A literatura infantil é uma linha mais recente da literatura e no princípio seu intuito não era o de atingir as crianças, afinal, a diferenciação entre crianças e adultos demorou a existir. Tais obras eram apenas escritos que tratavam sobre temas sociais, escondidos em fantasia para a segurança de seus autores. O mesmo vale para os contos de fadas, que são materiais com grande potencial durante todo o desenvolvimento. Sua linguagem simples ajuda compreender através da imaginação, os problemas da vida.

Atualmente as histórias são visivelmente dirigidas às crianças e através delas, elas aprendem hábitos sociais e desenvolvem-se. Para que esses conhecimentos sejam efetivos, os autores vão dizer que os livros precisam ser de qualidade e a intencionalidade deve ser o prazer. O trabalho do professor com a literatura também garante a eficácia do processo, através da análise da turma, ele deve buscar livros

adequados a idade cronológica das crianças e ao estágio de desenvolvimento. Além dos escritos, os livros de imagens desenvolvem a imaginação, linguagem visual e a organização do pensamento através do enredo que permite múltiplas interpretações. A imaginação se baseia na realidade e na memória, por isso pode ser compreendida como a base de toda a criatividade humana. Os livros de imagens permitem a criação de diferentes enredos exatamente porque possibilitam a imaginação através da realidade, de imagens.

Tendo em vista todo esse caminho, é possível dizer, mesmo que previamente, que a imaginação é a base da compreensão da realidade, podemos tomá-la como um “ensaio” para a vida, quanto mais se ensaia melhor se vive, por isso quanto mais o professor buscar recursos para desenvolvê-la, melhores possibilidades criança poderá criar.

2. SOBRE A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é uma das obras humanas de grande importância na formação de indivíduos (NASCIMENTO, 2006) é por meio dela que as crianças começam a tomar consciência e a compreender o mundo real.

A literatura infantil é uma linha da literatura recente. De acordo com Silva, Barros e Nascimento (2012), os primeiros livros voltados para o público infantil surgiram próximo ao século XVII com a compilação de contos contados oralmente. A partir desse momento passa a existir uma diferenciação entre crianças e adultos, cria-se o conceito de infância e a conscientização sobre a educação de todas as crianças sejam elas burguesas ou não, ou seja, surge o ensino obrigatório.

De acordo com Nascimento (2006), a literatura é responsável pelo desenvolvimento das emoções, da sensibilidade e da fantasia na criança. Por meio da linguagem e da imaginação, que são atividades especificamente humanas, a criança começa a fazer associações entre a fantasia e o mundo real.

Os primeiros livros de literatura infantil surgiram na França, na segunda metade do século XVII e valorizavam a antiguidade clássica. Segundo Silva, Barros e Nascimento (2012), os primeiros livros costumavam contar histórias que antes eram contadas oralmente pelos pais aos filhos com o intuito de dar-lhes algum tipo de lição ou advertência. Ainda sobre isso, os autores do artigo dizem que, os autores das obras não tinham o interesse em criar uma literatura para as crianças, pelo contrário, escreviam sobre coisas que oprimiam o povo, mas como muitas vezes eram atingidos pelo governo vigente da época passavam a esconder seus contos na fantasia. (SILVA, BARROS e NASCIMENTO 2012, p. 4).

A transformação na imagem da criança da idade medieval para a imagem que temos hoje teve seu início no século XIII, nessa época começaram a surgir algumas representações do “sentimento da criança moderna” (ARIÈS, 1986 p.52).

De acordo com Ariès (1986), No século XV e XVI, as crianças não eram representadas sozinhas, sempre que apareciam em pinturas, por exemplo, eram retratadas sempre com a família ou a multidão. Até este período, crianças e adultos frequentavam os mesmos lugares. É no século XVII que surge, ainda que muito

fundamental, o conceito de infância a diferenciação entre crianças e adultos. Nesse período, psicólogos definem conceitos de infância e separam, por exemplo, jogos maus de jogos que contribuem para o conhecimento das crianças. Com essa distinção, agora compreendida, passam a existir dois universos diversos: aquele que compreende coisas de adultos e o outro que compreende coisas de crianças.

É a partir disso que começam a surgir livros infantis com o objetivo de educar as crianças, educar a visão de mundo delas. (NASCIMENTO, 2006).

2.1 A importância da literatura para a criança

De acordo com Silva, Barros e Nascimento (2012), a literatura infantil constitui parte extremamente importante da construção do conhecimento do educando. Quando utilizada de modo adequado, sendo uma atividade prazerosa e de lazer, esse material acaba por ser influenciador da criatividade e também, como dizem os autores, “desperta as veias artísticas”(p. 7).

Uma história de qualidade, segundo Bettelheim (2005), deve despertar na criança sua curiosidade e entretê-la. Mas isso não é suficiente para seu desenvolvimento, uma boa história deve trabalhar com a personalidade da criança, desenvolver seu intelecto, possibilitar a compreensão de seus problemas, estimular a imaginação e permitir que ela se compreenda que entenda suas emoções e sentimentos.

Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTLHEIM, 2005 p.13)

Abramovich (2009) lembra-nos também, de que ler para uma criança, é despertar nela as funções mentais especificamente humanas.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (ABRAMOVICH, 2009 p. 17)

Para além da questão da criatividade e o desenvolvimento artístico, Domingos e Silva (2016), mostram que a fantasia é parte importante do desenvolvimento pessoal e individual da criança, sendo ela, (a fantasia), elemento capaz de nortear os sentimentos, fortalecer a imaginação, responder perguntas que permitam compreender as situações do mundo real.

Compartilhando da mesma visão, Silva, Barros e Nascimento (2012, p. 7), dizem que “através da leitura a criança se apropria de culturas e saberes historicamente acumulados pelo homem, adquirindo informações que a ajudarão na construção de seu conhecimento.”, pontuam também que a formação da personalidade da criança e aquisição de valores morais se dá através da fantasia, interiorizando valores presentes, por exemplo, nos contos de fadas.

Chesterton (2013), em seu livro intitulado “ortodoxia”, mostra-nos também a questão da aquisição de valores através dos contos de fadas.

Temos a lição de cavalheirismo que nos é dada por *Jack, o matador de gigantes*: os gigantes devem ser mortos porque são gigantes. É uma revolta humana contra o orgulho considerado como tal. [...]. (CHESTERTON, 2013 p. 80)

Sabemos que hoje a literatura tem ganhado grande espaço dentro da escola, professores e gestores sabem da grande importância que ela representa para o desenvolvimento da criança, porém na sala de aula, diversos livros são mantidos longe do alcance das crianças para que não sejam danificados. Para Silva, Barros e Nascimento (2012), esse afastamento de alguns materiais pode fazer com que as crianças enxerguem o livro como algo chato, distante e inalcançável. Pontuam também, que manusear o livro faz parte do desenvolvimento, uma vez que só tendo contato com o ele é que terão a consciência de que é necessário cuidar do material.

Mesmo com a inserção da literatura nas escolas, o prazer pela leitura ainda não é incentivado. Na maioria dos casos, as escolas propõem leituras obrigatórias previamente escolhidas para todos os alunos (o mesmo livro para todos), prazo para a mesma, atividade avaliativa sobre o livro e fichas de leitura, trocando o gosto pela leitura por obrigação (ABRAMOVICH, 2009).

Ainda para Abramovich, os livros que são escolhidos pela escola nem sempre remetem aos interesses dos alunos e nem mesmo a fase de

desenvolvimento em que estão. A autora diz que o que ocorre nas escolas é que o/a professor (a) conhece pouco de literatura e tem poucas opções de livros, geralmente os que são enviados pelas editoras, e por isso os que são escolhidos normalmente são de “autores medíocres, menores, desimportantes muitas vezes contando histórias pra lá de desinteressantes, chatas, monótonas, antigas, tantas vezes falando de uma criança que não existe mais.” (ABRAMOVICH, 2009, p. 141).

Outro problema apontado tanto por Abramovich (2009), quanto por Bettlheim (2005), é a falta de assuntos reais nas literaturas, mais especificamente de assuntos relacionados aos limites de nossa existência. Muitas histórias produzidas para as crianças hoje, não tratam, por exemplo, sobre a morte ou o envelhecimento, na maioria dos casos existe medo em trabalhar esse tema com as crianças, mas Abramovich (2009) deixa claro que a literatura ajuda - a partir da imaginação - a criança na compreensão de acontecimentos desse tipo. A esse respeito, Bettlheim (2005), aponta que “O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos.” (BETTLEHEIM, 2005 p.15).

2.2 Os livros de imagem

Diferente dos livros ilustrados, os livros de imagem apresentam a narrativa de histórias apenas através de imagens, sem palavras, e permitem o desenvolvimento da linguagem visual. De acordo com o trabalho de Bissoli (2006), as imagens colocam “o aluno em contato com as diferentes manifestações artísticas produzidas pela sociedade ao longo dos anos.” (p. 20).

Em seu estudo, Bissoli (2006), citando Parsons (1992), argumenta que são três relações estabelecidas quando se entra em contato com imagens: “a relação imagem/mundo; a relação imagem/produtor e a relação imagem/leitor.” (p. 21). Ainda, Bissoli (2006) discorre que a interpretação de imagens varia de acordo com o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

Segabinazi (2017), em seu artigo “Ler livros sem palavras, ler imagens e mundos”, citando B.J. Novak (2015) apresenta a ideia de que ler não está ligado somente a leitura de palavras, mas também a de imagens, uma vez que as

ilustrações presentes nesses livros permitem que a criança busque mais significados, que atribua mais sentido a história através do olhar sensível e aguçado, uma vez que é dada mais atenção aos detalhes de cada imagem. Bissoli (2006) apresenta a mesma visão de Segabinazi sobre a leitura de imagens.

[...]uma imagem é capaz de ter a mesma eloquência que um discurso falado ou mesmo de um livro, dependendo da ordem e da intensidade da organização dos seus componente. (BISSOLI, 2006 p.31).

Por isso, Mendes e Velosa (2016), apresentam a ideia que “quanto mais polissêmicas forem as ilustrações, maiores possibilidades a criança terá de libertar sua imaginação e ir construindo mundos alternativos [...]”(p. 121).

Ainda nesse sentido da compreensão do livro de imagens pela criança, Carneiro (2008), em sua dissertação argumenta que “a sequência lógica dos fatos que narram a história pela imagem possibilita a criança uma habilidade de construção do início, meio e fim.” (p. 79) ou seja, uma organização do pensamento em partes para que a história seja lida corretamente. Dalcin (2012) compartilha da mesma visão de Carneiro dizendo que ao ligar uma imagem a seguinte, a criança se insere dentro do contexto e da continuidade da história.

Completando o exposto por Carneiro, Abramovich (2009) discorre em seu subcapítulo sobre “a importância das histórias sem texto escrito para as crianças”, que permitir o contato com esse tipo de livro é uma forma de abrir o olhar para o mundo através da própria visão.

...Oralizando essas historias, colocando um texto verbal, desenvolvendo algumas das situações apenas sugeridas (...), ampliando um detalhe proposto e daí refazendo o todo de um modo novo e pessoal... Criando uma historia a partir de uma cena colocada, misturando varias, musicalizando alguma relação, sonorizando uma descoberta feita, inventando enfim as possibilidades mil que narrativas apenas visuais (...) permitem e estimulam... (ABRAMOVICH, 2009 p. 33).

Segabinazi (2015), ainda tratando sobre a atenção aos detalhes, movimentos, entre outras características presentes nos livros de imagens que aguçam o olhar e a imaginação, argumenta que “o ponto de partida é a leitura de livros sem palavras, mas o ponto de chegada é ler imagens e mundos verbalizados pelas palavras [...]” (p. 27), ou seja, é a capacidade que a criança adquire através da imaginação

proporcionada por esses livros de perceber o mundo a sua volta e compreender os acontecimentos da vida real.

Pensando na enorme quantidade de significados que as crianças atribuem as imagens de livros em geral, Mendes e Velosa (2016) dizem que a criança imagina muito antes de saber ler, através dos livros de imagens ela dá asas à imaginação lendo do seu próprio jeito as imagens postas a sua frente, criando assim um enredo para a história através do que “a narrativa visual lhe sugere”. (p. 122).

Vale lembrar que o processo de interpretação e o significado que a criança dá a imagem é, segundo Bissoli (2006), individual.

O leitor, por sua vez, vai interpretar a imagem levando em conta as emoções que ela transmite, sem deixar de considerar também o seu momento particular. O aspecto emocional influencia na leitura de determinadas obras de arte, principalmente daquelas que dizem respeito às situações vivenciadas no cotidiano (guerras, violência) (BISSOLI, 2006 p. 33).

Embora os livros de imagens tenham ganhado e ainda vem ganhando um grande espaço dentro da escola, estes livros ainda enfrentam uma grande barreira. Os professores preferem as rotinas tradicionais que conferem estabilidade. Bissoli (2006) argumenta que isso se dá devido ao sentimento de insegurança por parte dos professores.

[...] o docente acaba se sentindo inseguro em relação à sua postura, podendo até rejeitar esse tipo de prática ou mesmo não exercê-la com a devida frequência, estabelecendo para ela um “horário definido” e utilizando imagens cuja interpretação se revele “mais fácil e igual”. (BISSOLI, 2006 p. 61).

2.3 O papel do professor na contação de histórias

Pensando que a literatura infantil assume um papel de grande importância na vida das crianças, os professores precisam estar cientes de que seu comportamento durante a leitura é de extrema importância para que a imaginação seja trabalhada.

Abramovich (2009), argumenta que não basta pegar um volume qualquer, uma história qualquer da estante de livros e ler para as crianças, o professor precisa ter o domínio da história e fazer a criança acreditar que ele sabe tudo sobre o que está lendo, para que isso ocorra é necessária a leitura prévia, a preparação

antecipada, para que aquilo que será transmitido não seja uma atividade entediante e cansativa.

O professor precisa ser um bom observador e estar atento às necessidades, dificuldades e conflitos de sua turma e trazer em sua prática estratégias para solucionar os eventuais problemas. A escolha dos livros que serão lidos em sala de aula é uma das estratégias que podem ser utilizadas por ele. Tomando como exemplo os contos de fadas, Naiara Domingos e Simone Cristina Faccio da Silva (2016), descrevem que:

[...] Essas leituras devem fazer sentido para a criança, como meio de ensinar-lhes infinitos assuntos ou até mesmo complementar uma outra atividade, pois além de uma forma prazerosa de conhecimento pode se unir o útil ao agradável. (DOMINGOS e SILVA, 2016 p. 26).

E ainda que:

Ao ouvir uma boa história, despertará na criança diversas curiosidades e ideias, fazendo-a refletir entre o pensar e o agir, entre o certo e o errado, trazendo conceitos de moralidade, onde ela irá distinguir as atitudes dos personagens e construir as suas próprias, pois se identifica a partir de sua realidade e conflitos vividos no cotidiano. (DOMINGOS e SILVA, 2016 p. 11).

Ainda segundo as autoras, uma boa prática a ser aplicada com as crianças maiores, é o diálogo depois da história lida. Em toda sala de aula, quando lemos uma história, cada criança terá uma interpretação daquilo que foi lido, ou seja, a história é passível de diversas interpretações. Ao terminar a leitura, é interessante que o professor faça uma discussão com a sala, perguntando as crianças o que acharam, tanto em aspectos relacionados ao enredo quanto a duração da mesma (se foi muito curta ou muito longa, por exemplo). O diálogo deve estar muito presente para que favoreça a reflexão sobre a história por elas mesmas, incentivando assim o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e criticidade.

De acordo com Mendes e Velosa (2016), um educador preocupado com o desenvolvimento dessas capacidades, deve buscar livros que fascinem o olhar da criança, compete a ele a missão de selecionar aquilo que a turma deseja e que seja capaz de trabalhar com os problemas específicos do estágio de desenvolvimento em que se encontram e que precisam ser solucionados, e ao mesmo tempo possam provocar o encantamento “o deslumbramento, que emocionem e façam sonhar, que alarguem a capacidade imaginativa e reflexiva do receptor infantil [...]”. (MENDES E VELOSA, 2016, p. 118). Além disso, apresentam a ideia de que os gostos e

interesses das crianças por determinados livros não devem ser ignorados, uma vez que atitudes desse tipo podem comprometer os futuros leitores.

A grande tarefa de um bom contador de histórias é selecionar bons textos para seus ouvintes e principalmente não ter pressa para lê-los. Além disso, deve permitir que as crianças se envolvam durante a leitura.

Defendendo a literatura infantil como agente formador, por excelência, chega-se à conclusão de que o professor precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura (como leitor atento), da realidade social que o cerca (como cidadão consciente da “geleia geral” dominante e de suas possíveis causas) e da docência (como profissional competente). (COELHO, 2000, p.18 apud DOMINGOS e SILVA, 2016 p. 26).

De acordo com Tolkien (2013), os adultos, costumam pensar e imaginar de forma muito diferente das crianças, isso porque têm a consciência plena da realidade, algo que as crianças ainda não compreendem, o que torna tudo possível a elas.

Mas pensando na sala de aula, para que o trabalho do professor com a literatura e a imaginação das crianças seja eficiente e dê frutos, é necessário um esforço, uma educação da mente e a compreensão de que também é permitido imaginar o impossível como as crianças. É essa imaginação do adulto que irá auxiliá-lo no momento em que estiver contando as histórias para as crianças, tornando muito mais fácil descrever aquilo que é possível enxergar. Segundo Girardello (2011), para que isso ocorra de fato, as imagens mentais do narrador devem ser criadas antes de iniciar a narração de uma história fantástica.

Para Silva, Barros e Nascimento (2016), é importante que o professor proporcione espaços adequados para a leitura dentro da sala de aula, para que essa atividade seja prazerosa, e que também sempre “atribua a leitura uma finalidade prazerosa, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda.” (SILVA, BARROS e NASCIMENTO, 2016, p. 8).

2.4 Os contos de fada

Os contos de fadas não tem uma origem exata, sabe-se que a princípio eram histórias contadas oralmente e passadas de geração em geração.

O conto de fadas, por outro lado, em grande parte resulta do conteúdo comum consciente e inconsciente tendo sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias a respeito do que consideram problemas humanos universais, e o que aceitam como soluções desejáveis. [...] Só quando um conto de fadas satisfazia as exigências conscientes e inconscientes de muitas pessoas ele era recontado repetidamente e ouvido com grande interesse. (BETTELHEIM, 2005, p. 46).

Tolkien (2013) em seu livro “Árvore e folha” argumenta que estes contos não foram criados necessariamente para crianças, é claro que estas conseguem digerir melhor seu conteúdo do que os adultos, pois estão em desenvolvimento e como diz o autor, “têm o apetite mais aguçado”, exatamente pelo fato de ainda estarem descobrindo o mundo. Ainda sobre esse assunto, Tolkien diz que são comumente associados a crianças pelo fato de que os encontramos em seus quartos e salas de aulas.

“Na verdade, a associação entre crianças e contos de fadas é um acidente de nossa história doméstica. No mundo letrado moderno os contos de fadas foram relegados ao “quarto das crianças”, assim como a mobília velha ou fora de moda é relegada a sala de recreação, primordialmente porque os adultos não a querem, e não lhes importa que se faça mau uso dela.” (TOLKIEN, 2013, p. 33).

Embora não tenham sido criados especificamente para as crianças, hoje em dia são muito usados em sala de aula e em casa por sua capacidade de entreter as crianças. Mas, também, estes contos de acordo com Bettelheim (2005) colocam os problemas de forma simples, de um jeito que as crianças os compreendam com mais facilidade. A onipresença do bem e mal, nos personagens e ações ilustram bem a vida real, onde ambos estão presentes o tempo todo. Ainda em Bettlheim (2005), os contos de fadas traçam caminhos diferentes de outras literaturas como o mito, por exemplo, para nos levar a compreensão de nossa consciência. Nas palavras do autor, “O conto de fadas nunca nos confronta diretamente [...], ajuda as crianças a desenvolverem o desejo de uma consciência mais elevada, apelando à nossa imaginação e ao resultado atraente dos acontecimentos, que nos seduz.” (BETTELHEIM, 2005, p.43).

Os contos de fadas de acordo com Tolkien (2013), não colaboram apenas com o desenvolvimento das crianças, mas também com a percepção de mundo que muitas vezes perdemos ao longo da vida. Para compreendermos os contos de

fadas, precisamos de uma recuperação, aprender a olhar, contemplar nos surpreender com as coisas simples, ou seja, enxergar o mundo como elas enxergam. Num mundo rodeado de informações e inovações, tornamos aquilo que antes era surpreendente em coisas banais e não damos mais atenção, estes contos nos ajudam a manter-nos infantis e admirar as maravilhas que já não percebemos.

Atualmente existem diversas adaptações destes contos para as crianças, mas a maioria delas tiram muitos dos ensinamentos que os contos originais trazem, por receio de que tais coisas assustem as crianças. Mas por conta disso, os contos acabam se tornando desinteressantes e sem significado, “[...] nesta forma simplificada torna-se apenas um conto assustador com um final feliz, sem verdade psicológica.” (BETTELHEIM, 2005, p. 41).

Argumentando sobre o escape que tais contos oferecem, Tolkien (2013) diz que, os mesmos permitem uma fuga da realidade, oferecendo consolo e satisfazendo nossos desejos totalmente humanos, trazendo a ideia de vida realizada. O consolo reside nos finais felizes, quando se acredita que tudo está acabado, os contos de fadas nos apresentam uma “virada”.

A marca de um bom conto de fadas, do tipo mais elevado ou mais completo, é que, por mais desvairados que sejam seus eventos, por mais fantásticas ou terríveis suas aventuras, ele pode proporcionar a criança ou ao homem que o escuta, quando chega a “virada”, uma suspensão da respiração, um golpe e um sobressalto no coração, próximos as lágrimas (ou de fato acompanhados por elas), tão penetrantes quanto os de qualquer forma de arte literária, e com uma qualidade peculiar. (TOLKIEN, 2013, p.66).

Com a mesma visão de Tolkien, Bettelheim (2005), argumenta que o conto de fadas projeta em nós um alívio à medida que sempre nos proporciona um final feliz depois de todos os problemas enfrentados ao longo da história.

3 SOBRE A IMAGINAÇÃO

Neste capítulo trataremos brevemente sobre o processo da imaginação com base na obra de Vigotski, “imaginação e criação na infância”, na tese de Lígia Márcia Martins e no livro de Catherine L’Ecuyer “Educar na curiosidade: A criança como protagonista da sua educação.

De acordo com a tese de Martins (2011), imaginação em geral, é todo processo desenvolvido por imagens e, além disso, seu desenvolvimento está intimamente relacionado à linguagem.

Ainda sobre esse desenvolvimento, Martins (2011) descreve que a imaginação tem seu ponto de apoio na própria realidade, em experiências já vividas e em imagens já vistas, portanto, na memória. Dessa forma podemos compreender o vínculo existente entre imaginação e linguagem, as palavras que aprendemos permitem que a mente crie visões daquilo que está sendo falado com base na memória, lembrando-se de coisas relacionadas à palavra que se ouve.

A memória complementa a imaginação, e vice versa. É na articulação destas duas que é possível compreender a realidade. Um fenômeno facilmente observável é quando uma criança bastante nova se assusta ao não ver a mãe diante de seus olhos, e se alegra quando ela retorna em seguida. A brincadeira do “achou!”, constantemente realizada pelos adultos, coloca a criança em um trabalho de desenvolvimento da memória e da imaginação, na medida em que a criança só conhece o que está diante de seus olhos, e passa então a perceber que as coisas não deixam de existir quando ela não as vê.

Tendo em vista a ideia de que todos os processos psíquicos são processos imaginativos, o que difere a imaginação dos demais, é que se apoiando na própria realidade a imaginação permite que imagens e situações sejam alteradas. Essa visão da imaginação é chamada de reprodutora.

A primeira e mais ampla expressão da imaginação, sob a forma de antecipação mental, aponta na direção de algo novo para o indivíduo, baseando-se em informações, esquemas, figuras e descrições verbais que apoiam as operações mentais imaginativas, possibilitando a representação do dado ainda não vivido. Trata-se de uma imaginação representativa, que permite ao indivíduo superar os limites da experiência particular e, ao fazê-

lo, participar ativamente nos processos de aprendizagem e na compreensão de experiências alheias. (MARTINS, 2011, p.179)

De acordo com Vigotski (2009), a base do processo de imaginação esta nas percepções externas e internas, a fantasia será construída a partir desses materiais já acumulados. Dentro disso, Vigotski diz que existe o processo de dissociação que é de grande importância, pois, “ele esta na base do pensamento abstrato, da formação de conceitos.” (Vygotsky, 2009, p.36). O processo seguinte é o de modificação que é baseado “na natureza dinâmica dos nossos estímulos nervosos internos e nas imagens que lhes correspondem.” (Vygotsky, 2009, p. 36). A garantia da modificação esta nas marcas das impressões externas, uma vez que estas se movem, modificam, vivem e morrem (Vygotsky, 2009 ,p. 37).

Citando Vigotski, Martins (2011), argumenta que a imaginação - na visão do mesmo autor- não pode ser tida como irreal, uma vez que a mesma é a base de toda atividade criadora da humanidade e está presente em toda a vida cultural. Essa afirmação pode ser comprovada através da literatura. Quando tratamos sobre os contos de fadas, vimos que as histórias surgiram das necessidades dos povos passarem o conhecimento cultural para outras pessoas, mas para que os conhecimentos fossem de fácil assimilação, optaram por fazê-lo em formato de histórias, inventadas e criadas por seres humanos.

Ainda relacionando contos de fadas com imaginação, Vigotski (2009) apresenta a afirmação de que a imaginação entra em movimento quando existem necessidades e anseios, através disso, “a revitalização de trilhas nervosas dos impulsos fornece material para o trabalho.” (Vygotsky, 2009, p. 41), ou seja, a imaginação não se desenvolve apenas através de elementos internos, a própria necessidade de se passar um conteúdo de geração em geração, da forma como os contos de fada e a literatura fazem, é uma prova disso.

Falando agora sobre sentimentos, baseando-se mais uma vez em Vigotski, Martins (2011), argumenta que a imaginação esta intimamente ligada aos sentimentos. O simples fato de imaginar uma situação desconfortável, como por exemplo, a morte de uma pessoa querida, já nos traz o sentimento de tristeza, da mesma forma que uma situação mais alegre nos traz o sentimento de felicidade. Porém, o sentimento e a imaginação diferem em crianças e adultos. Os adultos são

capazes de diferenciar uma situação imaginária de uma situação real porque a imaginação nessa fase é mais rica do que na fase infantil. A imaginação da criança é mais pobre.

A criança é capaz de imaginar bem menos do que um adulto, mas ela confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos. Por isso a imaginação na criança, no sentido comum e vulgar dessa palavra, ou seja, de algo que é irreal e inventado, é evidentemente maior do que no adulto (VYGOTSKY, 2009, p. 46).

A partir do que foi discutido, fica clara a importância da formação do imaginário. A deficiência neste aspecto limita o sujeito na sua leitura de mundo e na compreensão da realidade. A imaginação é uma ferramenta indispensável para a ação do sujeito no mundo, e a compreensão dos fenômenos que o cercam

4 O DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO PELA LITERATURA

A imaginação representativa é “a primeira e mais ampla expressão da imaginação” (MARTINS, 2011, p. 182), é aquela na qual se cria algo novo para o indivíduo, completamente diferente de tudo o que já foi visto. Esse tipo de imaginação se dá através da literatura e do contato com os conteúdos escolares.

Essa imaginação representativa pode ser vista através das brincadeiras que a criança realiza no dia a dia, normalmente tais brincadeiras são baseadas tanto em suas experiências reais de vida quanto na imaginação de situações que são proporcionadas principalmente pelo trato com os livros. Temos em Piaget(1975) a compressão de que a criança precisa aplicar as situações observadas por ela a sua realidade para que possa compreendê-las, um processo parecido acontece com a imaginação.

De acordo com Girardello (2011), um dos estudos realizado por Singer e colegas em 1984, mostrou que a imaginação é mais favorecida quando os pais incentivam os filhos em sua atividade imaginativa, seja lendo ou entrando em suas brincadeiras. A autora levanta a necessidade de que nós como professores devemos nos reinventar e colocar mais imaginação em nossas vidas para estimularmos melhor o desenvolvimento dessa capacidade nas crianças.

O faz-de-conta emerge naturalmente como parte do desenvolvimento da criança pequena, mas seu florescimento é encorajado quando os pais e outros adultos contam histórias, lêem em voz alta ou interagem ludicamente com as crianças (SINGER; SINGER, 2007, p. 165 apud. GIRARDELLO, 2011, p. 81).

É recente a compreensão de que o livro é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo da criança, o ato de ouvir a histórias contadas através do adulto proporciona à criança a capacidade imaginativa e simbólica.

Para o desenvolvimento global infantil, nomeadamente pela capacidade de assim se permitir alargar a imaginação da criança (pré)leitora, de desenvolver o seu pensamento divergente e a sua sensibilidade artística e, naturalmente, a sua competência leitora, ou seja, a sua capacidade de extrair sentidos plurais dos textos que lê ou ouve ler e alargar o seu modo de ver o mundo e de nele se integrar, reconhecendo-se assim à criança o seu papel dinâmico, ativo e interpretativo no que respeita ao ato de ler (ou ouvir ler) desde tenra idade. (FERREIRA, 2013, p. 32 apud. MENDES e VELOSA, 2016, p. 124).

Um meio privilegiado de formar a imaginação é a literatura. A formação da imaginação tem sido prejudicada a partir de um problema latente na atualidade: o uso das tecnologias como meio de superestimulação cognitiva. De acordo com L'Ecuyer (2016, p. 48), como já demonstrado amplamente em pesquisas, o excesso de estímulos não auxilia ou contribui para o desenvolvimento da criança, pelo contrário, pode torná-la apática diante da realidade do mundo, entediada e desmotivada, por isso, a literatura é um grande antídoto à dispersão causada pela modernidade. Ela recoloca a criança no ritmo habitual da vida, submetendo-a a uma ordem que, diferente dos vídeos na internet que podem ser trocados ao menor sinal de insatisfação, exige a atenção por um longo período e uma consistência, só assim é possível atingir o final da estória. Na leitura todos os elementos são oferecidos para que haja um esforço imaginativo.

A literatura tem papel fundamental na formação da imaginação representativa da criança, pois é através da linguagem que a imaginação começa a surgir, ou seja, a imaginação esta completamente ligada à aquisição da linguagem. Ao lermos para as crianças, estamos criando um vínculo entre ela e a linguagem, mundo real e mundo imaginário. A literatura permite que as crianças identifiquem-se através dos enredos das histórias e possam compreender o que tem se passado em sua vida, sua casa, sua rotina.

Segundo Mendes e Velosa (2016), a literatura permite que a criança possa compreender a si mesma e o outro através do fantástico. A partir dessa compreensão, ela é capaz de estabelecer relações com os outros e a resolver seus próprios problemas. Bettelheim (2005) apresenta essa mesma ideia em seu livro “a psicanálise dos contos de fada” dizendo que, ao longo do seu processo de desenvolvimento, a criança, na medida em que vai se conhecendo, aprendendo a se entender, torna-se mais capaz de entender melhor os outros e conseqüentemente passa a se relacionar com eles de forma satisfatória e significativa.

A imaginação para a criança é o espaço onde ela pressente e vislumbra coisas completamente novas e esboça futuros possíveis (Girardello, 2011). Em diversas pesquisas mostra-se que a imaginação pode ser estimulada de diversas formas

Por não se tratar de um *dom* ou de um dado objetivo e quantificável da subjeti-vidade da criança, estando ligada à inteligência e às emoções, a imaginação infantil pode ser educada, como dizem muitos estudiosos a partir de diferentes perspectivas teóricas: “as crianças podem ser ensinadas a olhar e a ouvir de maneira a que a emoção imaginativa seja consequência”, diz Warnock (1976, p. 206-7); “assim como o entendimento lógico da criança, também sua habilidade de se envolver com o faz de conta e a fantasia precisa ser construída”, observa Gardner (1982, p. 182) (GARDNER 1982, p. 182 apud. GIRARDELLO, 2011 p. 76).

Em pesquisa realizada por Santos e Freitas (2014), foram analisados comentários de leitores de histórias online, através dessa análise percebeu-se que o leitor se envolve de forma afetiva na história, muitas vezes conseguindo comparar a situação vivida pelo personagem a sua própria vida. Ainda segundo Santos e Freitas (2014), a experiência fictícia proporcionada no momento da leitura provoca a identificação do leitor com o texto, mesmo através de situações irreais, imaginárias se desenvolvem sentimentos e emoções completamente reais, tornando assim essa experiência em uma experiência do real, vivendo desejos inconscientes.

Bettelheim (2005), tratando sobre historias fantásticas, os contos de fadas, argumenta que a criança, não tendo ainda seu psicológico completamente formado, necessita da fantasia para poder entender o que esta acontecendo no seu eu inconsciente, porque é através dessa fantasia que ela poderá adequar o inconsciente as “fantasias conscientes”, como o autor as chama. Os contos de fada permitem que a imaginação ganhe novas dimensões, e ainda que a crianças possa descobrir coisas que sozinha não poderia descobrir, sendo assim, ainda tratando sobre os contos de fadas, diz que “O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida”. (BETTELHEIM, 2005, p. 33).

Como já exposto anteriormente, o professor é peça indispensável no processo imaginativo, por isso a forma como ele conta a história, as imagens que permite que a criança crie em sua mente é parte fundamental para o desenvolvimento da imaginação, uma vez que “Os processos infantis inconscientes só se tornam claros para as crianças através de imagens que falam diretamente a seu inconsciente” (BETTELHEIM, 2005, p. 40), logo, pequenos detalhes durante a narrativa como a descrição de um castelo, por exemplo, são profundamente importantes para a criança em desenvolvimento que esta a sua frente.

São detalhes singelos, mas essenciais, porque ajudam a criança a construir o filme mental sugerido pela narração, e porque ajudam a professora a ter confiança no que está contando. (GIRARDELLO, 2011, p. 84).

A criança precisa do fantástico para compreender não apenas a si mesma e aos outros, mas também para compreender aquilo que esta a sua volta, o que acontece em sua vida. Esse é o papel da fantasia no desenvolvimento da imaginação, é através dela que a criança se torna capaz de compreender os seus problemas e imaginar situações em que ela pode vencê-los na realidade.

Para Tolkien (2013), a fantasia só é eficaz quando se conhece a verdade, pois pode se distinguir o real do fantástico e relacionar os acontecimentos dos contos com a vida real ou o mundo primário como Tolkien o nomeia, caso contrário ela deixaria de existir. Dentro dessa lógica, o autor ainda argumenta que quanto mais próxima dos arranjos do mundo real, mais fácil torna-se a compreensão da fantasia.

Através desse pensamento de Tolkien, torna-se possível relacionar essa mesma ideia de familiaridade com os acontecimentos reais e os imaginários através de Bettelheim (2005) quando o autor diz que as crianças podem compreender mais com os contos de fadas do que com a explicação de um adulto.

Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 2005, p. 59).

Ou seja, quando a criança ouve uma história e consegue - através de seu próprio pensamento relativo à sua idade e ao seu estágio de desenvolvimento - relacioná-la a momentos pelos quais está passando ou já passou, ela é capaz de, segundo Bettelheim (2005), “vencer sentimentos momentâneos de absoluta desesperança.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma época em que a era digital tem mais força do que livros, ter o hábito de ler em sala de aula e em casa para as crianças, e ter a preocupação de encontrar e selecionar boas histórias, são fatores que contribuem de forma muito significativa para o desenvolvimento da mesma em todas as áreas de sua vida, principalmente na sua imaginação.

Além de entreter os pequenos, a literatura infantil e principalmente os contos de fadas, ajuda-os a compreender o mundo, seus problemas, encontrar soluções e respostas para suas dúvidas, através da fantasia, da identificação com personagens e situações. Tais contos são tão queridos e fascinantes para as crianças - todas as vezes que são lidos - justamente pela identificação e pelas respostas que proporcionam a elas. Todas as vezes que os lemos, elas conseguem encontrar diferentes respostas para os mesmos problemas e dúvidas, já que os personagens de cada história agem e pensam de formas diferentes para os mesmos problemas.

Atualmente encontramos um grande problema na escola com relação a essa literatura, mesmo sabendo que ela tem seu lugar garantido, normalmente as obras escolhidas não são bem selecionadas. Como já discutimos anteriormente, são poucas as opções oferecidas à escola e a minoria é de boa qualidade. Os professores diversas vezes selecionam aquelas que são de baixa qualidade por falta de conhecimento do grande valor que a literatura tem na vida dos alunos. Por conta desse último fator, os livros recebem apenas a função de entreter ou acalmar as crianças. Para que a literatura ocupe o lugar destinado a ela na sala de aula, é necessário que o professor se empenhe e se comprometa com seu trabalho, buscando sempre aperfeiçoar sua prática e a mudar a realidade que enfrenta na escola.

Permitir que a criança tenha a oportunidade de ter contato com obras de qualidade, tanto através de um adulto leitor, quanto por ela mesma – seja apenas manuseando ou fazendo tentativas de leitura - permite um desenvolvimento eficiente da imaginação através da linguagem e das imagens que são colocadas pelo livro. Além disso, a partir desse contato cria-se o gosto pela leitura. O professor

como mediador de todo esse processo deve fornecer diversas formas de contato com essas obras, abrindo caminho para que a criança se desenvolva a partir da literatura, cabe a ele também a seleção de obras que sejam adequadas ao estágio de desenvolvimento que a turma se encontra.

Além do contato com o livro, o que gera interesse pela leitura na criança é a atmosfera literária a qual ela é exposta em casa, crianças as quais os pais tem o costume de ler, desenvolvem o gosto pela leitura muito cedo e compreendem de forma mais rápida seus sentimentos através do desenvolvimento da imaginação que a literatura fornece.

Embora o professor selecione criteriosamente as obras as quais pretende trabalhar com as crianças, o trabalho não é apenas dele. Cada criança interpreta a história a sua maneira, -assim como exposto por Bissoli (2006) anteriormente- os sentimentos e as vivências pelas quais elas passam norteiam a compreensão e a lição que elas irão tirar de cada história. Ao entrar em contato com um conto, uma fábula, uma narrativa fantástica, desempenhando uma leitura ativa e atenta, cada criança confrontará o que lê com seu contexto e suas experiências subjetivas. Isso se dá pelo fato de que cada uma é marcada pelo meio em que vive, pela realidade familiar, do bairro em que mora, dos lugares que frequenta, e tudo isso tem grande influência em sua formação.

A criança, portanto, não se coloca passiva diante da história, seria impossível fazê-lo, pois haveria de fazer um esforço de abstração sobre-humano para transcender as marcas da realidade externa, o que seria como que anular uma parte de si própria. Todos os elementos do sujeito interpretam a história, cada aspecto, social, afetivo, intelectual, será responsável por assimilar e acomodar o que foi lido, sendo impossível que as impressões sejam uniformizadas.

Portanto, a literatura infantil desenvolve a imaginação das crianças na medida em que permite que elas compreendam os arranjos do mundo real e aprendam a lidar com eles, mas essa compreensão só vem quando a literatura não é colocada como obrigação e sim como uma atividade prazerosa.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5. Ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- ARIÈS, Philippe. A descoberta da infância. In: _____. **História social da criança e da família** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 50-68.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 19. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- BISSOLI, Lígia Maria Sciarra. **Leitura de imagens: as concepções Dos professores de educação Infantil**. 2006. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2006.
- CARNEIRO, Liliane Bernardes. **Leitura de imagens na literatura infantil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CHESTERTON, G.K. **Ortodoxia** 1 ed. Campinas: Ecclesiae, 2013.
- DALCIN, Andreia Rodrigues. A leitura do livro ilustrado e livro-imagem: da criação ao leitor e suas relações entre texto, imagem e suporte. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9. 2012, Caxias do sul. **Anais eletrônicos[...]** Caxias do sul: universidade de caxias do sul, 2012. p. 1-16.
Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2783/233>. Acesso em: 15 Ago. 2019.
- DOMINGOS, Naiara; SILVA, S. C. Faccio Da. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (curso de pedagogia) - Faculdade de Americana, Americana, 2016.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições** , Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, ago. 2011. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=en&nrm=iso. acesso em 12 de novembro de 2018.
- L'ECUYER, Catherine. As consequências da superestimulação. In: _____. **Educar na curiosidade** 2. ed. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016. p. 47-58.
- MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2011. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, Bauru, 2011.
- MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-**

Posições, Campinas, v. 27, n. 2, p. 115-132, ago. 2016 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072016000200115&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 de novembro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0041>.

NASCIMENTO, Zilda Elena Viera. **A importância da literatura no desenvolvimento da criança**. 2006. Trabalho de conclusão de curso (curso de pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SANTOS, Daliane Nascimento dos; FREITAS, Alessandra Cardozo de. Imaginação na literatura: a existência do leitor personagem.. In: ENLIJE, V. 2014. **Anais eletrônicos [...]** Rio Grande do norte: Realize, 2014. p. 1-11. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_18_49_46_idinscrito_721_bae09138ee31d742a8d34e8a9fe5515c.pdf. Acesso em: 23 Set. 2019.

SEGABINAZI, Daniela. Ler livros sem palavras, ler imagens e mundos. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 22-45, maio/ago. 2017.

SILVA, M. A. Lima; BARROS, R. Bento; NASCIMENTO, T. Alves Moreira. A importância dos contos de fada na educação infantil. In: FIPED, IV. 2012. **Anais eletrônicos [...]** Campina Grande: Realize, 2012. p. 1-16. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed_479.pdf Acesso em: 30 Ago. 2019

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha** 1. ed. São Paulo: wmf Martins fontes, 2013.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.